
A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA DE PAZ E DE CONFLITO*

RITA DE CÁSSIA ROSADA LEMOS**

Resumo: o momento atual tem sido portador de profundas mudanças, por exemplo, a compreensão da paz e do conflito. Estas mudanças têm contribuído para o surgimento de significações novas e exigências sedutoras, enquanto produzem uma mudança de época. A pós-modernidade envolve uma práxis social, científica e cultural em que se cultiva uma nova consciência da realidade. Neste processo, em que a suspeita das afirmações atinge todas as dimensões da existência humana, coloca-se a questão se a paz se apresenta como um bem contra os conflitos que afligem a vida. E se a teologia, pela Revelação, estará sempre promovendo a vida ao se colocar ao lado da paz. Objetivamos fazer uma breve reflexão sobre a formação da consciência pós-moderna de paz e de conflito, neste tempo marcado por novas, transitórias e mutantes concepções na interação com Leonardo Boff, na busca de uma efetiva promoção da pessoa humana.

Palavras-chave: Paz. Conflito. Pessoa humana. Pós-modernidade

O momento atual tem sido portador de profundas mudanças de concepções, mesmo naquelas que outrora pareciam inquestionáveis e bem consolidadas, por exemplo, a compreensão da paz e do conflito. Esta situação tem contribuído para o surgimento de significações novas e exigências sedutoras a solicitar nossa adesão. Isso exige discernimento e diálogo constantes. Este processo de mudanças e de abrangência global provoca-nos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada, produzindo uma mudança de época. Já se tornou comum dizer que não se trata apenas de uma época de mudança, mas de uma mudança de época, mas a nosso ver é bem disso que se trata: uma mudança de época de intensa força histórica.

A chamada pós-modernidade envolve uma práxis social, científica e cultural em que se cultiva uma nova consciência da realidade. Ela evidencia com força os acontecimentos.

* Recebido em: 30.09.2016. Aprovado em: 22.11.2016.

** Doutoranda e Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio. Graduada em Ciências pela Univale. E-mail: ritalemos3@yahoo.com.br.

Inaugura um tempo marcado por novas, transitórias e mutantes concepções. Nesta mudança de época, será ainda válido afirmar que a realidade da paz é o sonho da humanidade? A paz apresenta-se como um bem contra os conflitos que afligem a vida? A teologia, pela Revelação, estará sempre promovendo a vida ao se colocar ao lado da paz? Neste novo tempo, a teologia é chamada a apresentar sua esperança possível, despertada na história graças à experiência de Jesus de Nazaré, no contexto de uma civilização dividida entre a afirmação da transitoriedade nas concepções e a intolerância entre crenças contrárias entre situações ou pessoas.

A PAZ OU O CONFLITO?

A discussão da cultura da paz em um mundo em conflito coloca a questão de um aparente dualismo, como se a paz e o conflito fossem realidades estanques. Mergulhado nesta realidade, o ser humano constrói sua existência na luta pela paz de modo que prevaleça ela e não o conflito. Nesta mentalidade, paz é o oposto de guerra, isto é, *paz é ausência de guerra*.

Por outro lado, o ser humano tem experimentado a paz e o conflito com tanta veemência, violência, que ao se falar em paz ou em conflito, já visa um âmbito social maior, fala-se em cultura: cultura da paz, cultura da guerra. Esta ótica estabelece um paralelo rígido à existência. Desenvolve um duelo de dependência: a vida de uma é a morte da outra.

A tomada de posição sobre a prevalência hierárquica de uma sobre a outra, deve atentar para o fato de que o discurso liberal fala de democracia, paz e direitos humanos, mas o discurso radical sempre condiciona o discurso liberal: sem justiça não haverá paz.

Surge a emergência de uma nova consciência de paz e de conflito. Impõem-se uma ordem como exigência da sensibilidade atual e da gravidade dos problemas que enfrentamos. Esta ordem deve levar em conta a dimensão racional, espiritual e afetiva, para ser uma ordem que gere a paz. Nas palavras lembradas amiúde por L. Boff (1999), a ordem emergente é “a ordenação social”, ou seja, “aquela que é feita na boa vontade coletiva, sob inspiração de uma ética do cuidado e aberta à dimensão espiritual do ser humano”.

A CRISE COMO NOVA COMPREENSÃO DA PAZ E DO CONFLITO

A paz é muitas das vezes associada à tranquilidade, ao silêncio, à cor branca. Há um lago de águas paradas, uma pessoa caminhando lentamente a esmo. Já o conflito é retratado como movimentação. Aparece o mar agitado, cores quentes, como o preto e o vermelho carmim. Há um grupo de pessoas deixando entrever inquietação.

O monismo reduz a realidade a um princípio único e resulta na anulação de um componente da realidade, desqualificado como irreal à vida, devendo ser eliminado. No fundo, o monismo, isto é, a prevalência de um sobre o outro, abandona as condições reais da existência humana concreta e histórica.

É importante perceber o movimento humano de ambas as experiências. Sendo que, no conflito há mais movimento, grupo de pessoas e um ideal de vida. Isto fala de dinâmica da vida, de relações e de sentido.

O contraste das imagens retrata a crise infindável da existência. Estar desacompanhado somado ao vazio é visto como sinônimo de paz. Contudo, o ser humano ao buscar a paz, busca outras pessoas; mobiliza-se em torno de um ideal, seja para combater, um aspecto negativo, seja para implementar, um aspecto positivo. Na relação com outros, nasce à ami-

zade, assim, compartilham-se redes sociais, eliminam-se fronteiras. “Quando se olha para a internet, vemos não só as perspectivas do futuro que ela oferece, mas também os desejos que o ser humano sempre teve e aos quais procura satisfazer, ou seja: relacionamentos, comunicação e conhecimento” (SPADARO, 2012, p. 16). O cenário transformado, lembra o quadro na parede retratando um conflito. Isto é, também na luta por um mesmo ideal, instala-se a crise.

A crise também tem ambivalência. Ela pode ser vista como caos, fim, morte. Ou, como promessa de renascimento. A partir desta visão de abertura para relações novas, agora com a totalidade, L. Boff (2005, p. 7) afirma: “As crises são purificadoras e o caos momentâneo prepara a irrupção de uma ordem mais alta e integradora”.

Não se trata nem de relativizar ou de exaltar a crise. Muito se tem discutido sobre as crises que assolam a vida. De fato, a ausência da esperança gera profundas crises de sentido, neste contexto nenhuma promessa de satisfação material poderá encher o vazio do coração. Também não se trata de criar paralelismo, muro intransponível ou dualismos: paz e conflito, crise e sentido, etc.

A nova e necessária compreensão da paz e do conflito, para ser efetiva, não mais poderá ser dualista. Encontramos, por exemplo, pessoas que num momento de dor causada pela violência fazem a experiência da paz, ou durante as lutas pela justiça ferida experimentam a amizade e esperança. Entretanto cada dimensão deve manter sua identidade, para que se possível o diálogo. Ela deverá ter uma visão dual, onde se relacione e se complementam a diversidade de cores e culturas, silêncio e barulho, lago e mar. A busca do equilíbrio é o que dá dinamismo à vida.

A lógica do universo e de todos os seres nele existentes é esta: organização- desorganização-interação-reestruturação- nova organização. Nunca há um equilíbrio estático, mas dinâmico e sempre por fazer. Sempre há a eco-evolução. A virtude principal não é a estabilidade, mas a capacidade de criar estabilidades novas a partir de instabilidades (BOFF, 1998, p. 19).

A VIRTUDE DA TEMPERANÇA

A temperança contribui para que o ser humano viva orientado para tornar-se a si mesmo, preche de movimento, de paz, tendo os pés no presente, levantando os olhos para o futuro marcado pelo passado.

Na autoconstrução, o ser humano contemporiza seus ideais junto com outros. Na figura das águas, o cotidiano faz entrever que a calma e a tempestade pertencem às mesmas águas. Sua diferenciação está no tempo, no momento, em que ocorrem. O mesmo vale para as cores. Há uma transformação radical de experiência. A cor quente do vermelho sinaliza sangue, isto é, força vital da existência humana, assim como o branco sinaliza a transparência que deixa à mostra, a força que revigora. É imprescindível buscar a confluência das energias que presentificam a vida, para que elas cooperem, sem rivalidade ou dualismo, na construção da paz humanizadora. “Não é a competição que tem a centralidade no universo, mas a cooperação [...] a capacidade de ser simbiótico, quer dizer, a capacidade de relacionar-se em todas as direções no jogo das interdependências” (BOFF, 1998, p. 19).

Com a quebra das fronteiras e o advento de um mundo em constante transformação, as velhas certezas têm sido colocadas em questão. O sujeito outrora visto como tendo

uma identidade fixa, foi descentrado, instrumentalizado, resultando em identidades fragmentadas do sujeito pós-moderno.

Muitos teóricos têm buscado mapear as mudanças conceituais. Muitas explicações têm sido dadas, nem sempre satisfatoriamente. Tomemos as palavras do jesuíta, Pe. Marcello de Azevedo. Para ele, o pós-moderno caracteriza-se “pela reação crítica ao moderno, à razão ilustrada e à hegemonia da racionalidade instrumental” (AZEVEDO, 1993, p. 29). Com efeito, a sociedade da racionalidade tecnocientífica contemporânea se converteu numa verdadeira ameaça à sobrevivência de todos os seres vivos, pelo excesso da razão unidimensional.

A pós-modernidade poderá ser um momento propício para a prática da virtude da temperança. O desmoronamento de uma universalidade garantida e da exacerbação do *logos* discursivo abre espaço ao *pathos*; no tocante de sentir-se parte de um todo inter-relacionado, na busca de uma efetiva promoção da pessoa humana. A revalorização do *logos*, de modo a incluir o emocional, o axiológico e o ético, além do *pathos*, possibilita caminhos de integração a serviço da vida e da preservação da integridade da criação (BOFF, 2005).

Sujeito na história e da história, homem e mulher são chamados a produzir história, de modo a apostar na vida. Continuamente, lutam, sacrificam-se, comprometem-se; oferece sua vida na defesa de valores que acreditam promover a vida. Juntamente com a história, em seu ideal da libertação, na interioridade de seu ser, aspiram à liberdade. O propósito da vida, reflete L. Boff, não é simplesmente sobreviver. Há um horizonte maior presente “no universo, na celebração de emergências novas e na festa da majestade e da beleza do cosmos e dos diferentes seres que nele existem” (BOFF, 1998, p. 63).

Em suma, é preciso examinar o que se quer dizer com paz e o que se quer dizer com conflito. Vale repetir, “A virtude principal não é a estabilidade, mas a capacidade de criar estabilidades novas a partir de instabilidades”. E em seguida, complementa, “a vida inventa até a morte para poder continuar num nível superior e mais aberto” (BOFF, 1998, p. 19). Assim vemos que como entre a vida e a morte, no horizonte cristão, também não há dualismo e sim dualidade entre a paz e o conflito.

UMA NOVA CONSCIÊNCIA DE PAZ E DE CONFLITO

A questão de uma nova consciência de paz e de conflito é abordada com os olhos postos nas características da sociedade que vivemos e da mensagem cristã que queremos compreender melhor.

O exercício de atenção aos sinais dos tempos é parte dos esforços para à luz da fé, ler a cultura de nosso tempo, de forma que o direito e a dignidade sejam reconhecidos e promovidos.

Nas Sagradas Escrituras temos uma frase enigmática, onde Jesus concede primazia à guerra: “Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10,34). Sem dúvida, ele choca a seus ouvintes. Com muito mais frequência encontramos Jesus anunciando a paz como sinônimo da vida eterna. “À tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: ‘A paz esteja convosco!’” (Jo 20,19).

Para uma nova consciência seja para paz, seja para o conflito, devemos sair de uma concepção dicionarizada. A palavra hebraica *shalom* é de grande riqueza. Ela aponta para uma situação de completude, inteireza, integridade; movimento dinâmico para uma vida feliz,

abundante. *Shalom* significa também as boas relações entre as pessoas. Desta compreensão, *shalom* não se opõe a noção de conflito - Iahweh ajuda o exército de Israel, causando confusão entre os inimigos (cf. Êx 23,27). Ela se opõe a tudo aquilo que possa fragilizar as boas relações. Trata-se de lutar para estabelecer a vida. Lutar juntos. Lutar com ações concretas. Isto é, a luta pela vida não pode encerrar-se em proclamações formais ou virtuais descomprometidas.

Não há contradição em Jesus, se num momento que ele se diz portador da espada e em outros, portador da paz. A sétima Bem-aventurança explicita a consciência de paz para Jesus. “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). Muito já se ouviu falar que paz não é ausência de guerra. É também preciso acrescentar que a paz não é um contrato para não lutar, ser pacífico, apático. Trata-se de construir a paz, ao invés de cruzar os braços. A paz é dom e tarefa ao mesmo tempo. Paz e justiça estão entrelaçadas (cf. Sl 85, 11-12). O critério não é a paz nem o conflito em si mesmos, mas o sentido norteador que colocamos em cada um. Que sejam bem-aventurados os que promovem a paz, ao lutar pela justiça. A paz – *shalom* - é a plenitude de vida para todos, consequência da graça e do laço de novas relações entre as pessoas.

O profeta Isaías descreve o Messias de “Príncipe-da-paz” chama atenção para Aquele que é ‘Príncipe-do-shalom’, Aquele que traz a integridade da vida.

A exposição de alguns textos bíblicos poderá nos fazer enxergar melhor o alcance da paz.

A paz une salvação e cura: E Jesus disse à mulher “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e estejas curada desse teu mal” (Mc 5, 34; Lc 8, 48).

A paz dá tempero à vida: Jesus disse “O sal é bom. Mas se o sal se tornar insípido, como retemperá-lo? Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros” (Mc 9, 50).

A paz guia nossos passos graças à ternura de Deus: repleto do Espírito Santo, Zacarias profetizou “Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, para guiar nossos passos no caminho da paz” (Lc 1, 78-79).

A paz sinaliza a chegada da benevolência divina à humanidade: Os anjos louvam a Deus dizendo “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!” (Lc 2, 14).

A paz revela o dom escatológico do Reino e a esperança de uma meta venturosa: Simeão tomando o menino Jesus nos braços, bendisse a Deus, dizendo “Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra” (Lc 2, 29).

A paz resulta do perdão e dá vida: Jesus diz à mulher “Tua fé te salvou; vai em paz” (Lc 7, 50).

A paz requer cuidado com o bem comum. Jesus dizia a seus discípulos “Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa!’” (Lc 10, 5).

A paz recusada torna-se lamentação. Jesus “viu a cidade (Jerusalém) e chorou sobre ela, dizendo: ‘Ah! Se neste dia também tu conhecesses a mensagem de paz!’” (Lc 19, 41).

A paz faz integra as pessoas: Os discípulos narram a experiência da Ressurreição, com o próprio Jesus apresentando-se no meio deles e dizendo “A paz esteja convosco!” (Lc 24, 36; Jo 20,19).

A paz compreende a felicidade perfeita: Jesus assegura “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo dá. Não se perturbe nem se intimide vosso coração” (Jo 14, 27).

A paz não elimina a guerra, antes é coragem diante dos conflitos: “Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16, 33).

A paz é fruto do discernimento da alegria e da missão: “Os discípulos ficaram cheios de alegria por verem o Senhor. Ele lhes disse de novo: ‘A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio’” (Jo 20, 21).

Estes textos fazem perceber onde se encontra a verdadeira Luz. Quem encontrou este fundamento encontrou verdadeira paz!

Os cristãos encontram em Jesus a paz sonhada e a paz realizada, o *já e ainda não* da paz. Diante de ameaças à vida, ele assume o conflito, e se coloca em guerra. A raiz de sua práxis está na experiência singular do Pai, *Abba*. Sua entrega é fruto de um ato anterior: ele se entregou ao Pai, que o acolhe fielmente. Do Reino de Deus chega-se ao Deus do Reino (ROSADA LEMOS, 2011, p. 55).

Ao aprofundar a relação de Jesus com o Pai, compreende-se melhor quem era Jesus; não apenas para saber o que ele pensava, mas, antes, descobrindo a quem se doava, a serviço de quem e de que missão se colocava. Os Evangelhos narram que Jesus nunca se deixou determinar pelo mundo circunstante, mas vive, firmemente, a partir da vontade de Deus que é a libertação do ser humano. Mesmo rejeitado, ameaçado em seu projeto de vida, ele não se intimida, continua seu caminho, mostrando assim que seu projeto não está condicionado à aceitação de seus ouvintes (cf. Lc 4, 14-30).

A fim de assegurar a liberdade de vida para todos, mais particularmente, daqueles que não tinham voz, nem vez na sociedade, Jesus, em contrapartida optou pela vida do empobrecido e do excluído. Sua opção foi vista como sendo solidariamente amorosa, mesmo pelos adversários, a ponto de ser considerado “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11,19).

Na frase: “Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10, 34; Lc 12, 51), Jesus manifesta que o Reino que ele inaugura, não é de discórdia, de conflito, embora as provoque em razão das escolhas que exige. A vida é o desejo de Deus, “por isso o dom e as exigências da Aliança significam uma opção pela vida” (GUTIERREZ, 1990, p. 67). Verifica-se que o ideal não é a paz, quietude, mas a Vida, isto é, compromisso, que resulta do amor. O lugar da paz é o mundo com as pessoas que nele habita, ainda que entre lobos (cf. Lc 10, 3). Paz implica estar conectado à realidade pessoal e concreta, no envolvimento de relações em todas as direções; o diferencial da paz está na centralidade que ela dá a vida. O projeto de Jesus é de vida em abundância para todos os povos.

A PAZ, FRUTO DA JUSTIÇA NA AMÉRICA LATINA

Na palavra-ação de Jesus, o mistério de sua pessoa se deixa entrever: mistério do próprio Filho de Deus feito homem. Jesus nos revela um Deus que se entretém com seu povo. O Deus de Jesus não se detém nos ritos e celebrações exteriores; nem naquilo que prescreve a Lei, pois tem como critério a vida. O que é de mais sagrado para Jesus é a vida do ser humano, nisto consiste o Reino de Deus.

Leonardo Boff ressalta que diante da realidade da América Latina é impossível ficar de olhos fechados aos conflitos que violentam a vida, sendo, assim, indissociável a vida do Reino e a instauração da paz para todos:

O problema que mais aflige a sociedade sul-americana é a marginalização social de imensas porções da população. A questão não pode situar-se numa dimensão apenas de conversão pessoal. [...] Como Jesus deverá de modo especial dar atenção aos sem-nome e aos sem-voz: deverá acentuar particularmente as dimensões seculares e libertadoras que a mensagem de Cristo encerra e ressaltar adequadamente o futuro que ele também promete para esse mundo no qual está crescendo, entre o joio e o trigo, o Reino futuro, não para alguns privilegiados, mas para todos (BOFF, 1972, p. 59).

Experimentamos, particularmente na América Latina, a dramática realidade de um continente empobrecido e explorado, onde a violência e a morte são noticiadas a olho nu, o que leva à percepção de um tremendo contraste, tanto ontem quanto hoje: da riqueza com a pobreza, do desenvolvimento com o subdesenvolvimento, da vida de uma minoria com a morte das maiorias.

A Revelação de Deus concentra sua história da salvação da humanidade nos excluídos - lugar preferencial da revelação de Deus. Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, a Revelação de Deus se deu a partir da dor e do sofrimento dos excluídos e da solidariedade para com eles. Neles, Deus abre a sua intimidade, revela seu interior e se compromete em todo seu ser.

Em nosso Continente, a paz não pode negar os conflitos, mas também a guerra não é o único caminho para a solução dos problemas. No entanto, a luta pode se fazer necessária quando se esgotam as possibilidades de solução e quando a injustiça se torna intolerável. Nesta linha vemos as manifestações populares em que o povo se une em torno de um objetivo em comum – luta pelo direito à moradia, a governabilidade presidencial, a educação, a liberdade sexual, a saúde, etc.

A paz não se acha, há que construí-la. O cristão é um artesão da paz (Mt 5,9). Esta tarefa, dada a situação descrita acima, reveste-se de um caráter especial, em nosso continente; por isso, o Povo de Deus na América Latina, seguido o exemplo de Cristo, deverá enfrentar com audácia e valentia o egoísmo, a injustiça pessoal e a coletiva (CELAM, 1968, p. 54).

Jesus se faz sacramento na história do outro que tem fome de cuidado, ele abraça a história humana de homens e mulheres sem criar outra história. Segundo L. Boff (1972, p. 257), “Cristo configura também a conciliação dos opostos humanos. A história humana é ambígua, feita de paz e de guerra, libertação e opressão. Cristo assumiu esta condição humana e a reconciliou. Perseguido, contestado, rejeitado, preso, torturado não pagou na mesma moeda: amou”.

A coabitação de paz e de conflito evidencia questões novas nas relações entre os viventes, assim como denuncia o maltrato à vida. O que a guerra propicia para a implantação do direito e da justiça? Qual a ética de base reivindicada nas lutas? Que conflito ou confronto ela denuncia? O sucesso requisitado/advindo pela luta comporta modo de vida sustentável? Em outra perspectiva, cremos poder afirmar que a guerra ou a luta não tem fim em si mesmo, nem é a solução definitiva de todo problema do qual ela emergiu. A guerra ou o conflito pode ser concebido como uma luta pela vida e denúncia de violação aos direitos à vida, evidenciando momentos de rupturas no tecido social. A presença da guerra, do conflito, da luta, como também da paz, deve despertar em nós a consciência que vivemos na história, e não em um mito ou num mundo virtual. A história do universo está marcada por uma longa sequência de eventos violentos. Neste contexto, a paz é chamada a fazer a intersecção dos humanos com as leis em prol da vida.

Esta, acreditamos, é uma descrição coerente com a pós-modernidade, segundo o autor citado, Marcelo de Azevedo. O sujeito pós-moderno acentua a multiplicação de sentidos e desconfia de toda explicação abrangente. O dado explicativo não vem de fora, nem é unidimensional.

A realidade de paz e de luta na experiência de nosso povo, onde a cultura da paz não é, de imediato, ausência de violência, faz emergir uma nova consciência na busca de uma efetiva promoção da pessoa humana.

Mergulhados nesta situação, surge uma nova leitura da realidade. Antes dualista e provocando cisão no ser humano, para uma visão dual e integral da vida. As várias imagens do universo revelam que a realidade é múltipla. Esta visão encontra sua expressão em Leonardo Boff. Para ele, a constituição do universo segue um processo evolutivo que sem contradição ou dualismo, apresenta dois lados. De um lado, ele “obedece às leis e, por outro, conhece descontinuidades, probabilidades, situações caóticas e diabólicas que permitem formas simbólicas mais altas de complexidades, de ordens e de beleza” (1998, p. 68). Contudo, na presença de uma ordem mais complexa. Tal ordem tende para a mais alta unidade; a qual está presente na relação da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo.

A Encarnação de Cristo revela que Deus ama nossa história, e acredita na vida. Vivendo como humano, realiza plenamente a vocação do ser humano, e revela que “humano assim como Jesus, só pode ser Deus mesmo” (BOFF, 1972, p. 193). O humano e o divino estão para sempre unidos em Jesus Cristo.

Em Jesus, Deus vê, ouve, conhece as angústias de seu povo, e desce, para de libertar (cf. Êx 3). Ele quem sai e vai à procura da ovelha perdida, que manda fazer festa para o filho que retorna à casa paterna, que dá a mesma recompensa para todos, que alegra-se com o pecador arrependido (Lc 15). Não se trata de um Deus novo que Jesus anuncia. É, e será sempre, o mesmo Deus da Aliança, porém Ele vem agora imerso numa nova luz, luz da Palavra que se faz carne. Podemos e devemos mesmo dizer que a tarefa principal da Igreja enquanto sacramento universal da salvação para o mundo é levar mulheres e homens a este encontro salvífico com Jesus Cristo (CONCÍLIO VATICANO II, 1968, n. 1).

A cultura popular une com maestria e singularidade a oração e a vida, de modo que fé-vida não são instâncias separadas, nem apresenta dualismo. Há situações especiais – alegria ou tristeza – em que a luta se faz reunião, sinal de solidariedade e expressão da confiança em Deus. O povo, então, traduz em música e reza, sua luta pela paz e sua persistência em tempos de guerra. O sonho de paz, faz emergir a luta. A experiência da guerra, faz emergir a esperança. A tomada de consciência que a paz significa integridade com toda a criação convoca a levantar a bandeira e ir à luta. Afinal e no fim de tudo, *na vida da gente o que vale é o amor*; na musicalidade de Zé Vicente (<http://www.lettras.mus.br>, 2015).

Se é pra ir a luta, eu vou!
Se é pra tá presente, eu tô!
Pois na vida da gente o que vale é o amor (bis)

...

É que a gente junto vai
Vai pra rua de novo, vai.
Levantar a bandeira do sonho maior.
Enquanto eles mandam, não importa.

A gente vai abrindo a porta.
Quem vai rir depois, ri melhor!
Esse amor tão bonito vai.
Vai gerar nova vida, vai.
Cicatrizando feridas, fecundando a paz.
Enquanto governa a maldade.
A gente canta a liberdade.
O amor não se rende jamais!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste quadro mundial como é hoje a paz e o conflito, emerge uma nova consciência a qual o fim último é a promoção da vida. A pós-modernidade pela sua multiplicação de sentidos contribui para manter distinta a compreensão destas realidades – paz e conflito – sem dualismo e sem fusão. Contudo, é preciso lembrar que é a comunicação do *Shalom*, por excelência, o verdadeiro dom capaz de transformar experiências em vida e de promover encontros além de qualquer fronteira. Este dom é comunicado a nós por Jesus em sua própria vida, alicerçado na absoluta confiança ao Pai “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo dá” (Jo 14, 27).

Construtores da paz humanizadora, rezemos com nossas irmãs e irmãos de várias Igrejas e religiões: “Ó Deus da Aliança, dá-nos amor e compreensão entre nós. Que a paz e a amizade sejam a nossa força nas tempestades da vida. Faze que ninguém alimente no coração ódio contra nós e nós não tenhamos ódio de ninguém, pois tu és a nossa paz, hoje e sempre (*Do Talmud*)” (CARPANEDO, 2014, p. 651).

THE EMERGENCE OF A NEW CONSCIOUSNESS OF PEACE AND CONFLICT

Abstract: our current moment is the bearer of profound changes, even there, for example, the understanding of peace and conflict. These changes have contributed to the emergence of new meanings and enticing requirements, while leading to a change of era. Post-modernity involves a social, scientific and cultural praxis that cultivates a new awareness of reality. In this process, in which suspicions that reach many statements affects all dimensions of human existence, it raises a question if peace presents itself as a good that faces the conflicts that affect life. And if the Revelation Theology always promotes life by positioning itself side by side with of peace. We aim to make a brief reflection on the formation of postmodern consciousness of peace and conflict, in this time marked by new transient and changing conceptions in interaction with Leonardo Boff, in search for an effective promotion of human person.

Keywords: Peace. Conflict. Human person. Post-modernity.

Referências

AZEVEDO, Marcello de C. Não moderno, moderno e pós-moderno. *Revista de Educação da AEC*, Brasília, n. 89, ano 22, out/dez., 1993.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Ensaio de Cristologia crítica para no nosso tempo. Petrópolis: Porto Editorial Perpétuo Socorro, 1972.

- _____. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *A Oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- _____. *Ética da vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- CARPANEDO, Penha. *Ofício divino das comunidades*. São Paulo: Paulus, 2014.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. Introdução e índice analítico de Boaventura Kloppenburg; coordenação geral de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO – CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do concílio: conclusões de Medellín*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- GUTIERREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990.
- ROSADA LEMOS, Rita de Cássia. *Reino de Deus, experiência que aponta para a vida*. Um estudo da experiência portadora de vida a partir da obra “Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo”, em Leonardo Boff. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2011.
- SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- VICENTE, Zé. O que vale é o amor. Disponível em: <<http://letras.mus.br/ze-vicente>>. Acesso em 25 ago. 2015.